

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Resumo: A transnógrafia é uma linguagem experimental criada pelos artistas e pesquisadores trans Nicolau Andreass e Ronna Freitas de Oliveira durante a Residência Artística Transancestralidade (ProAC nº 15/2024), que propõe novas materialidades e visualidades para a escrita. Utilizando principalmente nós e cores como elementos de significação, a técnica transforma o ato de escrever em um processo artesanal e sensível. Mais que um código, constitui um procedimento pedagógico e performativo que reivindica autonomia simbólica e estética para trajetórias trans, desafiando regimes hegemônicos de representação e arquivamento. Ao operar entre arte, pesquisa e ativismo, a transnógrafia questiona o que é considerado legível e quem define a norma, propondo uma escrita na opacidade (Glissant, 2008) e cifrada. A técnica se vincula à desobediência epistêmica e à invenção de linguagens próprias, recusando a transparência colonial e afirmando a potência da fuga e do mistério. Enquanto tecnologia social e estética, a transnógrafia se aproxima do entendimento da transição de gênero como prática criativa e política, produtora de novos modos de ser, de habitar o corpo e de reescrever o mundo. Assim, ela não apenas registra, mas inventa e protege simbolicamente saberes transepistêmicos, criando uma gramática alternativa que transforma o corpo e a linguagem em territórios de resistência, memória e futuridade coletiva.

Palavras-chave: Transnógrafia; Escrita; Epistemologia trans; Linguagem; Opacidade

Abstract: Transnography is an experimental language created by Brazilian trans artists and researchers Ronna Freitas de Oliveira and Nicolau Andreass during the Transancestrality Artistic Residency (ProAC nº 15/2024), which proposes new materialities and visualities for writing. Using primarily knots and colors as elements of meaning, the technique transforms the act of writing into an artisanal and sensorial process. More than a code, it constitutes a pedagogical and performative procedure that claims symbolic and aesthetic autonomy for trans trajectories, challenging hegemonic regimes of representation and archiving. Operating between art, research, and activism, Transnography questions what is considered legible and

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

who defines the norm, proposing a writing of opacity (Glissant, 2008) and encryption. The technique is linked to epistemic disobedience and the invention of self-determined languages, rejecting colonial transparency and affirming the power of escape and mystery. As a social and aesthetic technology, Transnography approaches the understanding of gender transition as a creative and political practice, one that produces new ways of being, inhabiting the body, and rewriting the world. Thus, it not only records but also invents and symbolically protects transepistemic knowledges, creating an alternative grammar that transforms body and language into territories of resistance, memory, and collective futurity.

Key-words: Transnography; Writing; Trans epistemology; Language; Opacity

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

1. Transnógrafia: notas introdutórias

Transnógrafia é uma ferramenta de escrita codificada que se utiliza de nós e cores para produzir sentidos na linguagem. Foi criada por nós, pessoas autoras deste ensaio, pensando em possibilidades de reivindicar determinada autonomia em novos modos de escrever o mundo na linguagem.

Foi criada a partir da Residência Artística Transancestralidade (Transancestralidade: Criando Tecnologias e Estratégias de Sobrevivência, financiada pelo Edital ProAC nº 15/2024), em uma imersão que envolveu uma residência de arte propriamente dita, localizada na cidade de Campinas-SP. Esta residência contou com a presença de cinco pessoas trans (Daena Lee, Dorot Ruanne, Nicolau Andreass, Rafaela Correia e Ronna Freitas de Oliveira), produtoras de linguagens artísticas diversas. Pós-residência, se organizaram quatro exposições de arte, duas em Campinas-SP¹, uma em Assis-SP² e uma em São José dos Campos-SP³.

Foram também realizadas cinco oficinas em cada uma das cidades citadas acima, a partir das múltiplas linguagens artísticas das pessoas residentes. Transnógrafia nasce neste processo, e é apresentada pela primeira vez em em duas oficinas desta residência, além de aparecer materialmente pela primeira vez em algumas destas exposições citadas.

Figura 1 - Nicolau, Ronna e a obra “Viver no Mistério”

¹ Exposições: “Como é Possível Viver Todas Essas Temporalidades Simultaneamente?” e “Espiralando a existência”.

² Exposição: “O passado que nunca passa”.

³ Exposição: “O futuro que nunca chega”.

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Fonte: @transancestralidade, 2025. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/DOGgzCEgOxO/?img_index=8>. Acesso em 12 de nov. 2025.

Figura 2 - Viver no Mistério

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Fonte: @transancestralidade, 2025. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DOGgzCEgOxO/?img_index=8. Acesso em 12 de nov. 2025.

Aqui, quando pensamos em transnógrafia, pensamos na cor, no nó, no laçar, no gesto artesanal, como o entrelaçar que se tornam partes do “texto”. O “texto” não é apenas o que se lê com letras numa página, mas o que se faz, o que se sente, o que se vê. Assim, ela propõe *outras* visualidades e materialidades para a escrita, ou melhor: para o que pode ser chamado de escrita, registro, memória, arquivo. Finalmente, entender a transnógrafia exige reconhecer este fazer como prática híbrida entre arte, pesquisa e ativismo transepistêmico. E, talvez mais do que um código, é um procedimento pedagógico e performativo, que visa contribuir na produção de autonomia simbólica e estética para trajetórias trans, ao mesmo tempo que questiona os regimes hegemônicos de verificação e representação.

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A transnógrafia cumpre várias funções ao mesmo tempo. Aqui, focamos em algumas delas. A primeira é a compreensão da técnica como um arquivo sensível, que registra trajetórias trans, afetividades e memórias, usando símbolos que escapam ao controle normativo da letra-única e que possibilitam uma brincadeira criativa com os sentidos e modos de produzir escrita. Além disso, é campo de autonomia simbólica no criar de um sistema próprio de escritura. Essa prática permite que possamos reivindicar uma agência sobre como queremos escrever a nós mesmos e ao mundo. Ou seja, aqui, quem escreve e como escreve importam, e esperamos que esta técnica dê ferramentas para reconstrução de linguagem e identidade.

Buscamos uma desestabilização epistemológica, ao usar cor, nó e feitura artesanal a transnógrafia questiona o que a escrita convencional considera legível, quem é a pessoa que lê, quem define a norma e quem detém o arquivo, e se liga a práticas de resistência e inventividade, pois se recusa às normas e cria linguagens e arquivos que ainda não existiam ou que estavam silenciados, lembrando que existem outros modos de grafar no tempo (Martins, 2021). Como técnica, ela não é apenas forma, mas também conteúdo, e não apenas método, mas também poética de existência.

Neste ensaio, propomos um mergulho inicial na feitura da transnógrafia, além de apresentarmos, neste ensaio, alguns apontamentos sobre os modos de utilizar este código, a técnica de Transnógrafia.

2. Evocando o mistério

Transicionar é, dentre tantas coisas, reivindicar a autonomia do próprio corpo. Transnógrafia é parte desse processo, quando reivindicamos nesta criação também determinada autonomia nesses novos modos de escrever o mundo na linguagem. A transparência que foi infiltrando os corpos e as mentes graças a colonialidade foi produzindo lentes únicas para se ler o mundo. Tenta tornar todos os processos culturais diversos legíveis a partir da mesma ótica. Com a transnógrafia, também nos recusamos a isso. Queremos a opacidade (Glissant, 2008).

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Reivindicamos aqui o direito apontado por Glissant (2008): de existir sem precisar ser completamente compreendido ou traduzido pelos códigos da racionalidade ocidental. Essa recusa à transparência é, também, a tentativa de produzir uma crítica performática à colonialidade da linguagem e à violência epistêmica que ela produz. A modernidade instituiu um modo de ver e traduzir que se fundamenta na necessidade de clareza, de decifração e de domínio. Nesse sentido, a transnógrafia atua como código que, em vez de buscar traduzir a experiência em linguagens já disponíveis, inventa sua própria gramática, seus próprios signos, suas próprias materialidades. O nó e a cor tentam se tornar zonas de segredo, de ambiguidade, de não-ditos que preservam a complexidade e a densidade das existências sem que as reduza à inteligibilidade normativa.

A abertura sensível que propomos como possibilidade na transnógrafia busca reconfigurar a própria ideia de arquivo, pois o registro deixa de ser fixação de uma verdade única e passa a ser pulsação de memórias, afetos e criações em movimento. Ao propor um sistema simbólico próprio, a transnógrafia também reconfigura o que significa *fazer sentido*: ela afirma que o sentido é também o que se tece.

Assim, se a opacidade é condição para relações éticas entre as diferenças, porque impede que o outro seja reduzido a um espelho da identidade, a transnógrafia produz uma ética da relação em que o outro não é convocado a compreender completamente, mas a se relacionar no mistério, na escuta e na presença compartilhada. Essa ética desafia a lógica colonial de controle e tradução total, instaurando um espaço de convivência entre corpos e linguagens que se reconhecem nas suas incompletudes e nos seus segredos. A escrita transnográfica, pode se desenhar então como tecnologia de criação que combina o direito de se expressar com o direito de se proteger. Ela reivindica o poder de falar sem se deixar decifrar completamente, de ser visível sem ser transparente, de existir sem ser assimilada. Nesse entrelaçar dos nós, a transnógrafia inscreve na linguagem na poética da relação, numa poética que não busca clareza, mas conexão, e que não visa traduzir o outro, mas coexistir na diferença.

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

As experiências da transgeneridade no Brasil passam por movimentos expropriadores intensos. Essa nação nos roubou e tem uma dívida com a gente. E inventou mentiras sobre nós. O sistema de representação moderno tenta há muito tempo nos assimilar para que caibamos na inteligibilidade. Nós seguimos nos debatendo em fuga. Transnógrafia também nasce de um desses movimentos de fuga, mas também de criação. Que só se acesse de nós o que permitirmos, ou ainda, o que for possível desvendar. No brincar com sentidos possíveis sobre linguagem, num passeio por tecnologias dos nós e num mergulho no mistério nasce a transnógrafia. E sondando nas dobras do tempo, seguimos buscando ao mesmo tempo jeitos de rememorar e de dizer o que ainda não foi dito

3. Letrando o uso transnográfico

Transnógrafia é uma linguagem escrita de lógica alfabética, onde, originalmente é feita usando nós, cores e objetos variados para representar consoantes, vogais e sinais gráficos. Aqui, apresentamos brevemente alguns códigos que criamos para a escrita transnográfica, apontando ainda que este código segue em construção.

3.1. Caracteres

Os nós servem para representar, até então, as consoantes, acentos e sinais gráficos. As cores servem para representar as vogais. A separação de palavras e sentenças não obrigatoriamente precisam ser demarcadas por objetos específicos, mas podem assim ser representadas.

As consoantes, os acentos e os sinais gráficos representados por nós estão exemplificados abaixo:

Figura 2 - Alfabeto Transnográfico

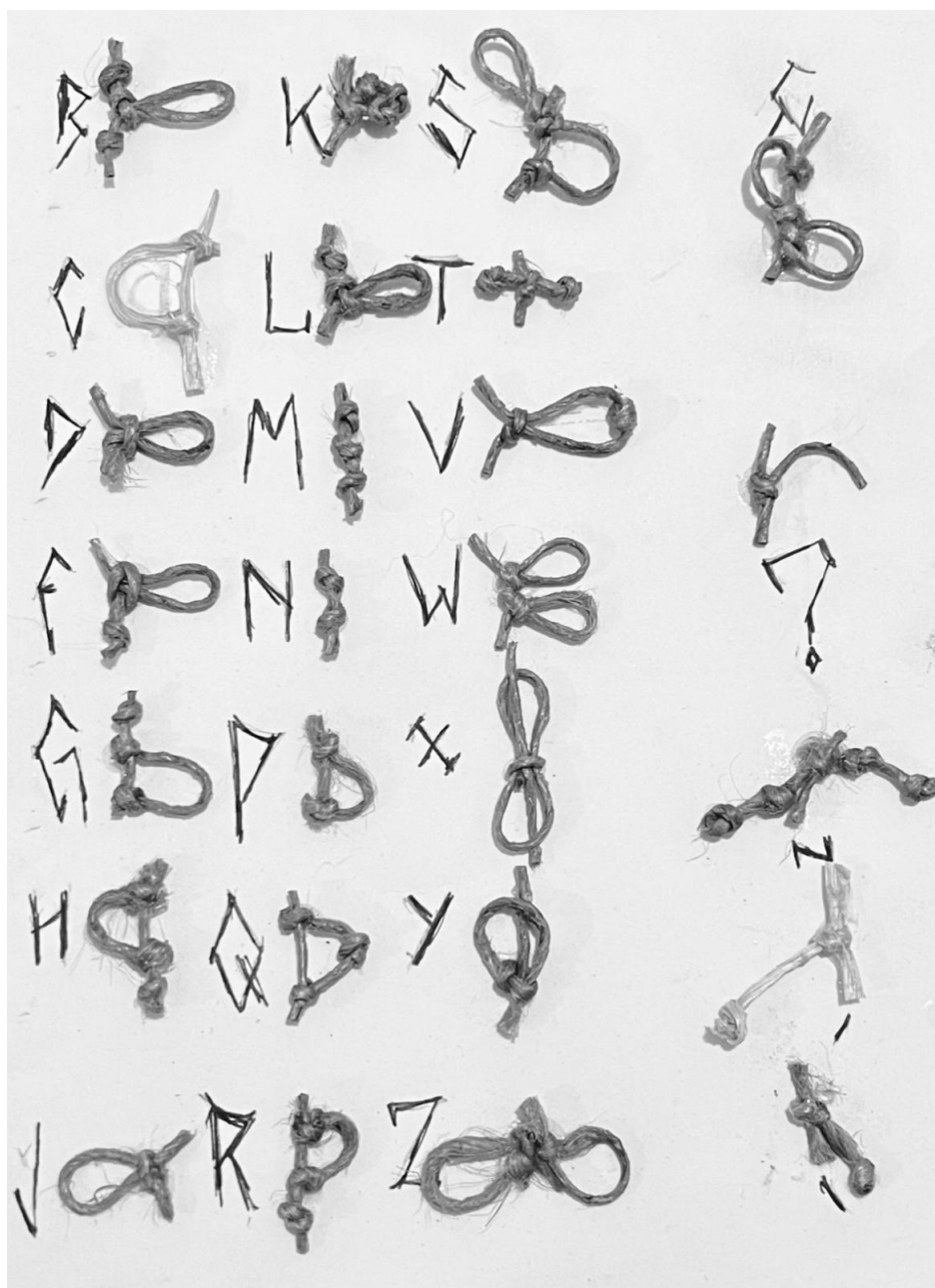
Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Fonte: Zine "Transnógrafia", 2025.

As cores representam as vogais. A vogal **A** é representada pela cor **azul**, a vogal **E** é representada pela cor **vermelha**, a vogal **I** é representada pela cor **laranja**, a vogal **O** é representada pela cor **amarela** e a vogal **U** é representada pela cor **verde**. Quando não há a

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

representação consoante+vogal, e se apresenta apenas uma consoante, este nó consonantal (ø) é representado pela cor **roxa**. Se resume isto no quadro abaixo:

Quadro 1 - Cores na

Transnógrafia

Vogal	Cor equivalente
A	Azul
E	Vermelho
I	Laranja
O	Amarelo
U	Verde
ø	Roxo

Fonte: autoria própria

Nas representações de escrita transnográfica produzidas para a obra "Viver no mistério" (Imagem 1), nós utilizamos como demarcação de fim de sentença um búzio, e como demarcação de fim de palavra uma pedra olho de tigre. Este uso pode variar, não sendo estes os símbolos restritos, e nem sempre também sendo necessário demarcar o fim de uma palavra ou o fim de uma sentença.

3.2. Escrita

Pensando no sentido da escrita, de maneira geral, as **palavras** são lidas de **cima para baixo** ↓, e as **sentenças** são lidas **esquerda para direita** →. Contudo, há variações possíveis. Uma **sentença** pode ser escrita em uma **única linha**, tendo as palavras **espaçadas por um**

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

objeto (pedra, búzios, cristal etc) **ou cada palavra em uma linha**, sequencial da esquerda para direita.

As escritas em Transnógrafia podem ser aplicadas e embutidas da forma que se preferir, sendo sua forma tradicional a aplicação em 3 dimensões usando sisal (ou outro material de corda, barbante, etc.) e tinta acrílica (ou outro material de tingimento, ou ainda fios com as cores das vogais), ou ainda, pode ser escrita em superfícies 2D, como papel e digitalmente.

Vale lembrar que o objetivo da linguagem Transnográfica é se comunicar dentro do mistério entre pares, sendo assim, ela pode ser adaptada a necessidade de um grupo específico. Aqui, com esta breve apresentação, não pretendemos limitar o uso e as formas de escrita inventivas que podem surgir. Sua forma de escrita não precisa ser imutável; estas são apenas algumas bases fundamentais da técnica e seus modos de aplicação mais aplicados até então.

Esperamos que este material sirva como modo de provocar o uso, provocar a escrita performática, e que possamos aprofundar ainda mais os modos de fazer desta prática, vendo suas limitações e expandindo, e desenvolvendo modos alternativos de brincar e circular na linguagem.

4. Considerações finais

Transição envolve práticas, saberes e dispositivos que reconfiguram corpos, identidades e modos de existência no mundo, existindo como um conjunto de saberes compartilhados e modos de agir coletivamente construídos, que operam transformações nas relações sociais. A transição mobiliza redes de cuidado, discursos biomédicos, políticas públicas, práticas estéticas e afetivas, constituindo um campo onde o social e o técnico se imbricam. Nós, pessoas trans, criamos diversos processos de invenção de si, acionando saberes e dispositivos que ultrapassam a dimensão individual, pois produzem efeitos coletivos na forma como a sociedade entende corpo, gênero e identidade.

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A criatividade, no envolver da criação de novos modos de ser e de habitar o corpo, pode ser vista na transição como produção artística-artesanal, uma potência ontológica, da capacidade de imaginar e materializar existências diversas. A transição é um gesto inventivo, uma reescrita do corpo e da vida, um exercício de imaginação radical sobre o que às vezes nem havia se imaginado pode ser. As práticas de transição, sejam elas corporais, discursivas, afetivas e/ou simbólicas, produzem novas linguagens de reconhecimento, novos vocabulários de subjetividade e novas estéticas da existência, operando como um campo fértil de criação política e epistemológica.

Assim, pensar a transição como tecnologia social e de criatividade implica compreender que ela desafia os regimes de verdade sobre o corpo e o gênero, abrindo espaço para epistemologias situadas e insurgentes. Ao manipular e reinventar os códigos normativos do gênero, nós demonstramos que a transformação corporal e identitária é também uma prática de imaginação política, uma forma de criar realidades possíveis onde outras formas de vida podem emergir.

Este também é um ponto crucial na constituição da transnógrafia como esta tecnologia-código de escrita, pois a escrita transnográfica não é apenas um método de registro, mas um dispositivo estético-epistêmico, que cria uma gramática alternativa que permite a comunicação e a preservação de saberes transepistêmicos, protegendo e cifrando narrativas que, historicamente, são vulnerabilizadas pela normatividade do gênero e da colonialidade.

Referências

GLISSANT, Édouard. Pela opacidade. **Revista Criação e Crítica**, n.1., 2008.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Transnógrafia: uma apresentação

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & NICOLAU ANDREASS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 18 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025